



>> É bom lembrar

Introdução

Quatro assuntos têm sido muito tratados pela opinião pública: O aumento das fraudes associadas à pandemia que vivemos, a corrupção política, as praticadas pelas «redes sociais» e as ligadas ao escravagismo. Hoje trataremos das duas últimas. Porque é uma continuidade a completar, e porque em relação aos outros assuntos mais em debate as paixões partidárias são pouco propícias a uma reflexão científica.

«Redes sociais»

Voltamos aqui a este assunto que nos ocupou na última crónica e em várias outras em que analisamos o problema e apresentamos propostas inéditas — para que chamamos a atenção: “:Cibersegurança... tarefa também nossa”, “Todos nós somos as cobaias”, “Como se comportar com as redes sociais”, “Os cidadãos e as «redes sociais»”, “Pela democracia...”, no jornal Dinheiro Vivo electrónico, e “Vender os utilizadores das redes sociais”, “«Regular» sem dependências” e “«Regular» sem dependências (II)” no Expresso online e, ainda, “Redes Sociais. Um alerta!”, no Jornal i online, — visa tão somente chamar a atenção do comportamento dos portugueses nas «redes sociais» segundo um estudo recentemente publicado, pela Marktest (o segundo, agora referente a 2020).

Feito com uma metodologia correcta reúne as opiniões da faixa etária dos 15 aos 64 anos. O que aqui nos ocupa é uma parte genérica do trabalho embora ele esteja preenchido de outras conclusões, também susceptíveis de reflexões relevantes (ex: acesso a «redes sociais» por horas e equipamentos, figuras públicas nas «redes sociais», partilha das redes, preferência de marcas, e aspectos da publicidade nas referidas redes).

O facto de 92,2 % estarem registados no Facebook, usarem mais de uma rede com esse estatuto (e algumas com menor percentagem — como o Twitter, com 23,4% — serem das que têm o maior crescimento recente, e o Tictoc ser a quinta mais conhecida apesar de ser a nona em registos com apenas 18,2%), e também o facto de 41,4% gastarem em média mais de uma hora por dia nas «redes sociais» mostram claramente que o controlo das «redes sociais» exige inevitavelmente uma intervenção política. Tal é reforçado pelo que nelas é realizado: enviar SMS ou conversar (82,2%), ler notícias, verdadeiras e falsas, (67%), fazer comentários (66,5%), deixar «likes» (60,6%), pesquisar produtos (48,7%).

Escravatura

Desde os fins do século passado que a escravatura é uma realidade, como o demonstrou inequivocamente, então, a famosa revista National Geographic. Por isso em 2016 voltei a chamar a atenção do problema com a crónica “Compramos escravatura”. Mais é um fenómeno universal, o que levou algumas marcas de bens de uso comum (nomeadamente de roupas) a procurar não se identificar com tal. Num livro de 2008 Loretta Napoleoni afirma: “a escravatura está dentro dos nossos frigoríficos. Da fruta à carne e do açúcar ao café, o trabalho escravo põe comida nas nossas mesas” (p. 129)

É mera hipocrisia fingir que se ignorava a sua existência em Portugal, como o é na emigração portuguesa e em geral, nomeadamente com o reforço do poder das organizações criminosas internacionais e o tráfico de seres humanos para a União Europeia.

Contudo, a hipocrisia não nos espanta!